

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>.MARGARETH TORRES DE ALENCAR COSTA**

**Hoje Apetece-me” e a Polifonia do Desejo: um diálogo entre Deusa  
D’África e Bakhtin**

Nathália Maria Lopes Dias

Professor Orientador: Alcione Correa Alves

A literatura moçambicana contemporânea, notadamente aquela produzida por mulheres, tem se consolidado como um campo fértil de expressões estéticas e éticas que tensionam as fronteiras do dizer poético em contextos pós-coloniais. Deusa D’África propõe, a partir da sua tessitura poética, a reconstrução de uma Moçambique visceralmente marcada pelo colonialismo e por todas as camadas opressoras advindas dele, apesar de o país ter conquistado a Independência em 1975.

Décia Sara Feliciano<sup>1</sup> já traz em seu nome literário (Deusa D’África) a potência de sua poesia enquanto espaço de expressão e poder. A coletânea *A Voz das Minhas Entranhas* (2014) é emblemática nesse sentido, pois transita por uma poética que recusa o silenciamento e a subalternização das mulheres negras, instaurando um discurso profundamente marcado pela polifonia e pela circularidade de vozes ancestrais e contemporâneas.

<sup>1</sup>Segundo Freitas (2024), Décia Sara Feliciano Tinguisse nasceu em Xai-Xai, província de Gaza, no dia 05 de julho de 1988, em Moçambique. É mestra em Contabilidade e Auditoria, e, atualmente, é professora na Universidade Pedagógica e na Universidade Politécnica, em Moçambique. É Coordenadora Geral da Associação Cultural Xitende, é palestrante, ativista cultural, promotora do direito à leitura e mentora do projeto Círculo de leitores. É autora das obras, tais como: *A voz das minhas entranhas* (poesia), *Equidade no Reino Celestial* (romance), *Ao encontro da vida ou da morte* (poesia), *Cães à estrada e poetas ao morgue* (poesia).

Reconhecida como uma das vozes mais potentes da poesia contemporânea naquele país, a poeta usa escrita como um gesto também de insurgência e de resgate identitário, especialmente no contexto pós-colonial, no qual as marcas do colonialismo continuam a atravessar corpos, linguagens e subjetividades.

No contexto moçambicano, a poética da autora tem recebido destaque não apenas porque mobiliza reflexões sobre raça, classe e gênero, mas porque repositiva o sujeito feminino negro como agente ativo na reconstrução simbólica e cultural de Moçambique. Para NOA (2024) - crítico literário, professor universitário e pesquisador moçambicano – a poesia de Deusa D'África vem entrelaçada com o ativismo cultural e intelectual, mesmo inserida num cenário periférico.

Paradiso (2015) contextualiza que a descolonização não impediu os resquícios da hegemonia europeia sobre a cultura africana. A partir daí abre-se um espaço para a construção identitária pós-independência: a moçambicanidade, ou seja, uma característica ou qualidade própria da cultura e do povo moçambicano.

A respeito desse movimento de moçambicanidade, Freitas (2020) o coloca enquanto um movimento político e feminista, corporificado por ideologias próprias no qual mulheres moçambicanas usam as artes e as literaturas como percurso que mobiliza a nação moçambicana para discussões sobre raça, classe e gênero e que precisam ser revisadas em prol de um humanitarismo coletivo. Nesse contexto, Chiziane (2024) assevera que o mundo das mulheres sempre fora de luta e resistência. Freitas (2020), insere ainda que esse movimento, enquanto projeto político de reconhecimento identitário, fora iniciado pela poesia combate dos poetas moçambicanos José Craveirinha e de Noémia de Sousa.

Partindo da percepção de que na poética de Deusa D'África a circularidade de vozes centraliza questões caras ao feminismo negro, adotamos os postulados de Mikhail Bakhtin (2008), no intento de enviesar a produção literária da poeta sob as discussões propostas nos Problemas da Poética de Dostoievski. Para tanto, o *corpus* escolhido foi o poema de Deusa D'África *Hoje Apetece-me*, inserido na coletânea *A Voz das Minhas Entranhas* (2014).

Essencialmente admite-se que a posição geográfica ou afinidade temática não evidencia essa relação proposta, no entanto há na superfície da discussão a representação de um sujeito cindido por múltiplas vozes e consciências. Se em Dostoiévski as personagens são consciências vivas que confrontam outras vozes, inclusive a própria; em Deusa D'África, a expressão poética entrecruza vozes femininas, ancestrais, insurgentes e espirituais, que recusam ser reduzidas a uma síntese monológica.

A leitura do poema a seguir *Hoje apetece-me* (D'África, 2014) visibiliza a percepção do entranhamento polifônico permeado nos textos da poeta e atravessado pelas discussões formuladas a partir dos *Problemas na Poética de Dostoiévski* por Bakhtin (2008).

*Hoje Apetece-me*

*Pelo meu desejo*

*E os deuses dando-me um ensejo*

*Hoje apetece-me*

*De alcançar a carreira de estilista*

*Pintar os teus lábios,*

*Só para te vestir*

*Com a tinta da minha boca,*

*Com a tua nudez que almejo.*

*E este pincel nela mergulhado*

*até ela ficar oca.*

*Hoje apetece-me*

*Fazer sem cunhas*

*Hoje apetece-me*

*Mas sim, usando minhas unhas*

*Soletrar em surdina*

*na textura da tua tez.*

*Tudo o que queres ouvir*

*Como o sopro que deu a vida a Adão*

*Hoje apetece-me*

*E ulteriormente tornar-me*

*Fumar as tuas mágoas*

*Tuas vestes*

*E aliviar os pulmões*

*Desse corpo despido*

*Com um charuto.*

*Hoje apetece-me*

*Ao altar, levar-te,*

*E casar-te*

*Só e só por hoje,*

*Ter a lua-de-mel,*

*E esquecer a acerbidade*

*Desse coração fel*

*Na escolha de homem, cheio de  
sumptuosidade.*

*Hoje apetece-me*

*Nas tuas entranhas, arquejar*

*Nelas manejar*

*Mergulhar no mar da incerteza, só  
para te ter.*

Para Bakhtin (2008), os personagens dostoiévskianos apresentam conflitos e vivências que confrontam as suas próprias visões de mundo como também aquelas de outros personagens. A polifonia, que ele considera a característica inovadora da obra de Dostoiévski, contempla uma forma de relação entre autor, narrador e personagem, o que pode ser entendida para além da pluralidade de vozes. Em *Deusa D'África* (2014), as suas entranhas são o baluarte para o seu fazer poético cuja empreita pleiteia reconstruir sob vigas sólidas, mas complexas, uma sociedade marginalizada por relações interseccionais.

A estrofe que inaugura o texto poético expõe, a partir da utilização do corpo como instrumento de criação, desejo e linguagem, uma carga subjetiva que se projeta no outro. Numa relação de saciedade (*Pintar os teus lábios, / Com a tinta da minha boca*) e esvaziamento (*até ela ficar oca*), há uma consciência que não é plena de si mesma, mas que se define no gesto dialógico com o outro.

Nessa seara, um dos pressupostos emergentes dessa relação é a inconclusão. No trecho em destaque, esse outro dialeticamente se apresenta como objeto do desejo e espelho da própria incompletude. Dessa forma, nos tecidos prosaicos de Dostoiévski discutidos pelo teórico russo e nos trazidos poeticamente por uma Deusa na voz das suas entranhas, a complexidade das vozes e consciências entrelaça o não-dito explicitamente.

Se para Bakhtin (2008), a consciência existe e se forma na relação com o outro, no diálogo com outras consciências igualmente válidas e autônomas, depreende-se que a linguística não dá conta das relações dialógicas do texto. Em Deusa D'África, por seu turno, a escrita não dá conta dos significados que suscitam do poema. Nesse conflito de consciências, o leitor inquietamente tenta se posicionar nas arestas que a superficialidade textual não apara.

Na esteira do desejo carnal, a consciência poética se desdobra em múltiplas vozes: é criadora (*E ulteriormente tornar-me / Tuas vestes*), amante (*Desse corpo despido / Pelo meu desejo*), é deusa (*E os deuses dando-me um ensejo*) e protagonista do desejo (*Com a tua nudez que almejo*). Nessa dialogicidade, nenhuma voz é anulada.

Ainda que a subjetividade atravessasse todo o poema, as potencialidades polifônicas intrínsecas anunciam múltiplas vozes que negam qualquer totalização da consciência. Nessa multiplicidade, na qual a poética é representativa de uma coletividade, o tempo (*hoje apetece-me*) performa em função da reconstrução de uma consciência que é plural, múltipla e aberta.

Deusa D'África utiliza a poesia para refletir sobre a relação entre o corpo e a memória inserida num processo de construção da identidade, marcada pela diáspora e pela resistência. Considerando o caráter coletivo de sua voz poética, a literatura de autoria negra feminina, cujas vozes seguem invisibilizadas nas Ciências Literárias, reivindica um espaço de expressão na qual a autorrepresentação possa figurar em sua poética corpo, conhecimento, luta e legitimidade.

Ao citar um trecho da entrevista de Paula Tavares, Silva (2019) expõe o que há por detrás do uso da primeira pessoa nos textos da poeta angolana: “o uso da primeira pessoa é só uma forma de trazer para a primeira pessoa aquilo que é o sentimento do todo, da coletividade, do coletivo...trata-se que esse eu primeiro venha saturado com as marcas dos outros eus das outras vivências, das outras palavras e inclusive das outras línguas.” (p. 226). No emaranhamento de vozes, a voz lírica se apropria do erótico no poema da moçambicana Deusa para demarcar o universo feminino que toma consciência sobre si ao tempo de circulariza a própria voz para trazer à baila tantas outras vozes e consciências.

Para Bakhtin (2008), no tocante às particularidades da construção da linguagem nas obras de Dostoiévski, as relações dialógicas são extralinguísticas e constituem o verdadeiro campo da vida da linguagem. No texto poético, a dialogicidade vai além de uma escolha estética; é sobretudo uma linguagem que se constrói na poesia para edificar, por sua vez, um posicionamento ético, político e estético. Nesse processo, usar as (*unhas na textura da tua tez*) estabelece uma marcação de tempo e espaço que há muito fora negado pelo corpo negro feminino.

A repetição de (*“Hoje apetece-me”*), como de um refrão melódico que anseia por ser cravado, carrega ecos do passado colonial, das memórias ancestrais e das dores históricas num tempo poético-dialógico que atravessa passado, presente e futuro. A memória coletiva revigorada nos textos poéticos de Deusa D’África instaura no trauma colonial o desejo insurgente da mulher negra moçambicana.

Quando Bahktin (2008) discute sobre o surgimento do discurso bivocal no tecido prosaico de Dostoiévski, a partir das condições da comunicação dialógica, o teórico russo o coloca num contexto da vida autêntica da palavra. Na poesia de Deusa D’África, essa dialogicidade também autentifica o verbo na legitimação do dizer, como que uma necessidade de (*aliviar os pulmões*) apossando-se de (*um charuto*), simbolicamente trazido à poética como masculino e elitista e, a partir disso, quebrantar normas de gêneros e códigos culturais. Nesse ato, o eu lírico feminino dissipa-se e torna-se outro, outras vozes e consciências.

Por meio de uma escrita entranhada, na qual o conflito interno, o paradoxo e a tensão entre finitude e transcendência desfilam ao longo do texto, a poeta polifonicamente invoca vozes outras, e tensiona, por seu turno, o universo circular entre pessoal e o coletivo, o íntimo e o político, o terreno e o sagrado. Ao incitar o desejo de (*Fumar as tuas mágoas*), a voz poética metaforiza a dor do outro, que também é coletiva, e demarca dores coletivas de um povo cujas marcas enrijecidas por opressões coloniais, raciais e de gênero precisam ser vaporizadas pela boca que anuncia o seu lugar de fala, como discute Ribeiro (2017).

Segundo Noa (2015), as literaturas africanas em língua portuguesa são novas, pois não vão muito além de um século de existência. No caso de Moçambique, apesar de algumas manifestações embrionárias e isoladas nos finais do séc. XIX e princípio do XX, só a partir da década de 40 é que a literatura moçambicana ganha um dinamismo sistemático e consequente.

Quando discute, em sua tese de doutoramento, a tessitura de resistência na poética de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima, Silva (2019) evidencia que há nos textos das poetas o questionamento da totalidade intrínseco no discurso hegemônico. Também nos textos de Deusa D'África essa totalidade é questionável uma vez que, no início de cada estrofe do poema (*Hoje apetece-me*), a voz lírica demarca tempo e, ao se colocar como sujeito que se anuncia no contexto do prazer, quebra paradigmas e questiona as esferas do colonialismo que ainda transitam fortemente pela sociedade de Moçambique.

O corpo feminino retratado no poema instrumentaliza liricamente (*com a tinta da boca*) a corpa negra – tomando de empréstimo o termo da compositora e atriz negra Maria Tereza, discutido por Taborda Moreira (2020) – e a coloca no centro do discurso e da ação, subvertendo a lógica social em que à mulher negra moçambicana é dado o papel da dupla subalternização. No texto poético, a escrita assume um discurso que se volta não apenas para o corpo negro, mas, mais especificamente, para o corpo feminino negro. Deusa usa o corpo-poema para rasurar essa dupla subalternização da mulher da negra e anunciar o desejo da sua corpa-negra, até esvaziar-se como que uma necessidade de ressurgir, ressignificar-se a partir do vazio.

Apesar de (*Soletrar em surdina*), parece oportuno inferir uma multiplicidade de vozes que anuncia a emancipação frente às vivências, ainda que surdinamente, haja vista que o silenciamento sempre fora a força motriz dessa sociedade moçambicana; esse som que fora abafado anseia por ser ouvido e questiona o machismo que silencia o prazer feminino como se o corpo negro feminino fosse apenas para oportunizar prazeres a outrem.

Bahktin (2008) quando se debruça sobre a tessitura prosaica de Dostoiévski, por seu turno, com toda sua complexidade estética e filosófica também aciona a linguagem como um espaço de conflito e revelação. Por meio

das múltiplas possibilidades discursivas e existenciais, seus personagens revelam uma pluralidade de vozes numa polifonia interna dada às suas complexidades.

Em Deusa D'África, o eu poético, cujo (*sopro deu a vida a Adão*), relaciona-se ao discurso dostoievskiano quando se coloca frente aos conflitos ideológicos e às relações humanas concretas. Assim, cada enunciado é carregado de: História (de onde vem essa fala?), Posição social (quem fala? a partir de que lugar?), Intenção (para quem se fala? com que objetivo?). Tudo isso num movimento de materialidade da língua na qual as relações dialógicas expõem os conflitos e interações entre diferentes vozes ou consciências dentro de um texto; no caso de Deusa D'África, dentro do texto poético.

Nessa tentativa de romper fronteiras, Noa (2015) argumenta que o sistema literário moçambicano tende a abrir-se ao mundo, num contexto que rompe com demarcações geográficas. Dessa forma, quando a voz feminina negra usa a língua, enquanto fenômeno em constante movimento, liga-se à vida social e real também. O uso dos verbos *pintar, soletrar, vestir, fumar, casar, mergulhar* aciona uma consciência multifacetada que se debate entre diferentes papéis; é o que Bakhtin (2008) discute como "consciência dialógica".

Quando o teórico russo analisa os fenômenos da linguagem literária (ou "discurso-arte") que operam com múltiplas vozes e camadas de sentido, criando o que ele chama de "dupla orientação da palavra", a palavra, no discurso artístico (como o de Dostoiévski), não se configura como unívoca nem neutra. No poema em análise, a palavra também nunca está sozinha. Assim, no discurso artístico (tanto em Dostoiévski como em Deusa), a linguagem é sempre estruturalmente dialógica, bivocal, e socialmente carregada.

(*Hoje apetece-me / Fumar as tuas mágoas*) vai muito além de um discurso de mão única: aqui a palavra carrega intenções, contradições, valores culturais tão imbrincados na poética quando na sociedade moçambicana. A travessia no (*mar da incerteza*), esse espaço tão sensível ao povo negro, acessa ainda uma instabilidade que não paralisa; pelo contrário, instiga ao mergulho como se metaforizasse o próprio batismo na ambivalência desse desejo.

A voz poética de Deusa D'África enfrenta as relações de poder que adotam o gênero como elemento de dominação. “A voz das minhas entranhas” (2014) costura imagens de dor, denúncia, erotismo e transcendência, oferecendo ao leitor um mergulho numa linguagem marcada pela resistência e pela polifonia de afetos e memórias.

A análise do poema, portanto, à luz do contexto polifônico dostoiévskiano discutido por Bakhtin (2008), revela um discurso poético profundamente engajado com os conflitos históricos, culturais e íntimos que atravessam o corpo e a memória da mulher negra moçambicana. No universo de Dostoiévski, nenhuma consciência é absoluta. Em Deusa D'África, ainda que a subjetividade atrevesse todo o poema, o discurso poético não é monológico, uma vez que carrega em si a presença do outro para empoderar a coletividade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **O canto do futuro**. In: D'África, Deusa. A voz das minhas entranhas. Maputo: Ciedima, 2014.

D'ÁFRICA, Deusa. **A voz das minhas entranhas**. Maputo: Ciedima, 2014.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Da Cosmopercepção ao Mulherismo: a poética afro-moçambicana em “Cães à estrada e poetas à morgue”, de Deusa d' África**. In: SCRIPTA, v. 28, n. 64, p. 266-286, 3º quadrimestre de 2024.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Deusa D'África: uma voz feminista afro-moçambicana**. In: Revista do NEPA/UFF. Niterói, v.12, n.25, p. 43-53, 2020.

NOA, Francisco. **Metamiserismo: uma nova escola literária de Deusa d'África e Dom Midó das Dores**. Disponível em <https://opais.co.mz/metamiserismo-uma-nova-escola-literaria-de-deusa-dafrica-e-dom-mido-das-dores/> Acesso em: 14 de junho de 2025.

NOA, Francisco. **Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo.** São Paulo: Editora Kapulana, 2015.

PARADISO, Silvio Ruiz. **Religiosidade na literatura africana: a estética do realismo animista.** In: **Estação Literária**, Londrina, v. 13, pp. 268-281, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Editora Letramento, 2017.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. **Nações Entrecruzadas: tessituras de resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima.** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

TABORDA MOREIRA, Terezinha. **Uma poética do inacabamento: a escrita literária de Maria Tereza.** *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 39–58, 2020. DOI: 10.35699/2317-2096.2020.21939. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/21939>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.